

LUCIÉRNAGAS EM CAMINHOS DE PEDRAS: O ESTÉTICO E O POLÍTICO COMO ALTERNATIVA DE TRANSGRESSÃO

Lilian Adriane dos Santos Ribeiro (USAL)

Os estudos sobre mulher e literatura, hoje constituem abordagens científicas que tematizam os protocolos de inserção e exclusão da autoria feminina do Cânone Literário. Esses enfoques nas últimas décadas do século XX constituíram um discurso contra o essencialismo crítico literário, e ainda discrimina a produção intelectual das mulheres, entendida em alguns casos como “Literatura Menor”. Algumas pesquisas se empenharam em tornar visível a autoria feminina no âmbito brasileiro e internacional. Foram algumas leituras, que neste sentido me levaram a questionar em que medida as escritoras (Rachel de Queiroz y Ana María Matute) tiveram suas obras incluídas nos Cânones Literário brasileiro e espanhol, enquanto produtoras culturais. Além disso, ao eleger as duas obras já referidas, me chamou atenção à descrição dos personagens femininos construídos pela visão dessas mulheres escritoras. O que me preocupava era como essas mulheres (escritoras e personagens) entrelaçavam suas vidas (uma dando vida e força à outra) no contexto da obra de ficção. Foram esses motivos que determinaram ou influenciaram minha curiosidade de aprendiz de investigadora a buscar essas respostas, através da análise do conteúdo e do discurso desses romances.

O conteúdo do meu trabalho consiste em fazer uma análise comparativa e contrativa dos personagens em aspectos políticos, sociais, culturais e literários destas obras: “Caminho de Pedras” (1937), da escritora brasileira Rachel de Queiroz e “Luciérnagas” (1949), da escritora espanhola Ana María Matute. Na conclusão foram registrados os aspectos mais importantes tratados no decorrer deste estudo.

Com este trabalho pretendo, despertar o interesse sobre a vida e a obra dessas escritoras pouco estudadas e mostrar a validade e talento literário das mesmas, tendo em conta que o cânon literário só privilegia aos escritores masculinos. Para continuar, pretendo mostrar dois pontos de vista diferentes para uma mesma situação vivida pelas duas autoras (e pelas duas protagonistas femininas) em dois países diferentes e distantes. Por último, ressaltar o papel da mulher (através da análise de ambas protagonistas femininas) nas sociedades em crises.

Esse trabalho se fundamentou na análise das obras à luz de uma bibliografia referente ao contexto Político-social-cultural, referências bibliográficas sobre as escritoras femininas e sobre seus romances. Para o desenvolvimento deste trabalho tive uma dificuldade muito grande de encontrar recursos bibliográficos sobre as escritoras (Queiroz e Matute) e de suas obras que são pouco estudadas, porque há um preconceito muito grande por parte da sociedade em relação às escritoras, em general devido a questões sócio-culturais. A sociedade prefere aos escritores e as suas obras essencialistas masculinas.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo foi buscar dados bibliográficos sobre o tema a ser estudado, comprovando a recepção crítica, me centrando no estudo de ambas obras. Fiz a revisão bibliográfica do assunto junto com a análise do conteúdo e do discurso das obras em estudos críticos. Depois passei a escrever o trabalho.

Síntese Biográfica e Trajetória Literária

2.1 - Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz nasceu 17 de novembro de 1910, na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, em uma família de intelectuais. É prima de José de Alencar e teve como tataravô uma das líderes da revolta republicana ocorrida no Nordeste em 1817, Bárbara Pereira de Alencar. Viveu parte de sua infância na capital do Estado e outra parte no interior, na fazenda de seus pais. Porém, depois da seca do Nordeste em 1905, que prejudicou a propriedade da sua família, se mudou para Rio de Janeiro, onde se ficou pouco tempo, indo para Belém do Pará.

A escritora regressou a viver no Ceará em 1921, volta aos estudos regulares como interna do colégio Imaculada Conceição. Se torna professora em 1925. Ingressa nos periódicos como cronista em 1927, sua trajetória literária começa nos anos 20, em forma de cartas que enviava, com o pseudônimo de “Rita de Queluz” ou “R.de.Q.” para jornal “O Ceará”, de Fortaleza. As cartas tiveram tanto êxito, que contra sua vontade, sua identidade foi revelada. Em 1930, com apenas vinte anos, escreve seu primeiro romance “O Quinze” e com ele inaugura uma nova etapa na literatura brasileira, ao retratar pela primeira vez de maneira realista o problema da terra e do homem no Nordeste. A fundação Graça Aranha lhe outorga seu primeiro prêmio. Em 1931, foi ao Rio de Janeiro para receber o prêmio, onde entrou em contato com o Partido Comunista Brasileiro. Nos anos seguintes, participou da ação política de esquerda, pela qual foi presa em 1937. Mas, não abandona o jornal, o teatro e a tradução. Foi durante muito tempo cronista exclusiva da revista “O Cruzeiro”. Dois anos depois de escrever seu primeiro romance “O Quinze” publicou “João Miguel”, ao qual se seguiram: “Caminhos de Pedras” (1937), ano de sua prisão, “As Três Marias” (1939), “Dora, Dorinha” (1975) e não parou mais. Abandonou a militância no início dos anos 40, mas continuou atuando politicamente, vivendo intensamente os acontecimentos mais importantes da história do Brasil, neste século. Na política, a escritora participou do movimento que derrubou a Getúlio Vargas em 1945, e ajudou nas articulações do golpe de 1964, que também derrubou a João Goulart do poder. Em 1950, lançou sua quinta novela “O Galo de Ouro”. A partir de então tem residência no Rio de Janeiro, dedicando-se ao teatro e à crítica literária em revistas e jornais. Em 1977, foi à primeira mulher em ingressar na Academia Brasileira de Letras, um grupo que, até este momento, havia sido exclusivamente dos homens. Em 1992 escreve “Memorial de Maria Moura”, que lhe trouxe diversos prêmios, como “O romance do ano” outorgado pela Associação Paulista de Críticos de Arte; “A intelectual do ano” entregue pela União Brasileira de Escritores e “o prêmio Camões” concedido em Lisboa para o melhor autor do ano na língua portuguesa. Esta mesma obra, depois foi adaptada para a televisão. Rachel de Queiroz chegou a ser consultada pelos militares para ser ministra da educação e nesse mesmo ano foi convidada para ser embaixadora do Brasil junto à ONU, rejeitando os dois convites ao final do ano de 1998, a escritora, junto com sua irmã Maria Luíza, publicou o livro de memórias “Tantos Anos”. Morreu no Rio de Janeiro aos 92 anos, em 4 de novembro de 2003.

2.2 - Ana María Matute.

Ana María Matute, nasceu em Barcelona no dia 26 de julho de 1926, é a segunda filha de cinco irmãos. Seu pai possuía uma fábrica de guarda-chuva. A imagem que nos chegou é de uma menina tímida e de saúde delicada, que tem problemas de gagueira. Outra circunstância adversa está no fato de que, por necessidades de negócios seu pai, e a família tem que passar uma longa temporada em Madrid a cada ano. Ao estourar a Guerra Civil tudo muda. Se queixa da falta do carinho materno, talvez suprido pelo afeto de seu pai, depois de suas viagens a Berlim ou Londres lhe contava histórias fantásticas. Em uma de suas viagens lhe trouxe a Gorogó, um boneco negro que lhe servirá de personagem em “Primeiras Memórias”. Parece assim herdar a afeição pelas viagens e a fantasia de seu pai. Mas, a guerra e a pós-guerra mudam por completo a adolescência e a primeira juventude de Ana María. Sua afeição à literatura é muito prematura. Aos cinco anos de idade escreve seu primeiro conto e o ilustra. Educa-se em um colégio religioso em Madrid. Aos dez anos compõe uma revista ambiciosa, se encarregando das ilustrações, nesta mostra suas aptidões para a narrativa e o desenho. Com só dezesseis anos escreve seu primeiro romance “Pequeno Teatro”; atrai a atenção de Inácio Agustí, diretor de Destino, lhe oferece um contrato. Embora, a obra não se publica até que ganha o “Planeta” em 1954. O primeiro livro premiado é “Los Abel” (1948), que a autora considera -o pior de todos.

Escreve “Luciérnagas”(1949) e chega a ser semi-finalista do Premio Nadal, mas a censura lhe impede de publicá-la, e em 1955 publica uma revisão desta obra chamada “En esta tierra”. Mas, em 1993 recupera a versão original e esta foi a versão publicada rejeitando segunda.

Em 1952 se casa com o escritor Ramón Eugenio de Goicoechea, tem um filho, chamado Juan Pablo, em 1954. Se instalam em Madrid. Mas levam uma vida instável, acusados pelos apuros econômicos e se separam em 1963.

Praticamente toda a produção de Ana María Matute se concentra entre 1948 e 1971. Começa sua trilogia “Los mercaderes”(1960) como primeira memória. Continuando com “Los soldados que lloran de noche” e a termina com “La trampa”. É qualificada como a melhor romancista do pós-guerra. Sua qualidade de escritora está à vista em suas obras, que além de haverem sido premiadas muitas vezes. Suas obras foram traduzidas a mais de vinte idiomas.

Viajou por muitos países, para dar cursos e conferências: Grécia, França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Itália, Suécia, Estados Unidos, Rússia, China... Foi intensa sua atividade nas universidades norte-americanas. Na Universidade de Boston foi instituído a Ana María Matute Collection, que reúne todos seus manuscritos e outros documentos.

Depois de vários anos de grande silêncio narrativo, em 1984 obteve o Prêmio Nacional de Literatura infantil com a obra “Solo Un Pie Descalzo”.

Em 1996 publicou o livro “Olvidado Rey Gudú” foi escolhida Membro da Real Academia; leu seu discurso de acesso em dezembro de 1997 e ocupa o assento “K” anteriormente ocupado por Carmen Conde, sendo assim a terceira mulher a ingressar em 300 anos.

Em 2000 publicou o livro “Aranmanoth”. E quando está a ponto de se converter em octogenária em 2006, o ano próximo celebrará seus 80 anos com a publicação de um novo livro.

Contexto Político-Social das Obras

Era Vargas

A obra “Caminho de Pedra” da escritora Rachel de Queiroz, foi escrita durante a “Era Vargas” que começa com a revolução de 1930, quando Vargas é conduzido ao poder no dia 3 de novembro e termina com a deposição de Getúlio Vargas em 1945. É caracterizada pelo aumento gradativo da intervenção do Estado na economia e na organização da sociedade e também do crescente autoritarismo e a centralização do poder. Divide-se em três fases distintas: Governo Provisório, Governo Constitucional e Novo Estado.

O congresso em julho de 1934 elege Getúlio como presidente e exerce o mandato constitucional até o golpe do Estado Novo no dia 10 de novembro de 1937. Esses três anos de legalidade são marcados por intensas agitações políticas, greves e agravamento da crise econômica. Nesse contexto ganham importância movimentos como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL).

O “Estado de Sítio” em 1935, aumenta o poder de Vargas e de alguns oficiais do exército e da própria política. Cresce a repressão aos movimentos sociais e à conspiração para instaurar uma ditadura no país. Em 30 de setembro de 1937 é divulgado o temeroso Plano Cohen. Apesar de todas essas agitações é nesse contexto que começam as eleições presidenciais. Getúlio Vargas anuncia no dia 10 de novembro de 1937, em cadeia de rádio a ditadura do Estado Novo, cuja autoridade suprema está nas mãos do presidente e os três poderes se tornam independentes.

A ditadura Vargas ou Estado Novo, dura oito anos. Começa com o golpe no dia 10 de novembro de 1937 e vai até dia 29 de outubro de 1945, quando Getúlio é derrubado pelos militares. Sendo assim foi o presidente que mais tempo governou no Brasil. Seus quinze anos de governo se caracterizaram pelo nacionalismo e pelo populismo.

Ditadura de Franco

A obra “Luciérnagas” da escritora Ana Maria Matute, foi escrita na Espanha durante a ditadura de Franco.

Francisco Franco Bahamonde, foi um chefe de estado ditatorial que governou na Espanha como consequência da Guerra Civil Espanhola ocorrida entre os anos de 1936 e 1939.

No dia 30 de janeiro de 1937 se tornou chefe da Junta Provisória de Burgos, seu governo foi orientado pelo triunfo militar sobre a Espanha republicana, e contou com o apoio de dois ditadores fascistas de Europa, Hitler e Mussolini. Com o fim da Guerra Civil, no dia 1 de abril de 1939, houve o exílio de muitos militares espanhóis ao estrangeiro e se desenvolveu uma ampla política de repressão aos vencidos, com fuzilamento, prisões e condenações a trabalhos forçados em obras

hidráulicas. Conservou sua liderança militar, política e institucional absoluta e a partir deste momento, formou 15 governos e implantou o regime ditatorial que conservou até a sua morte em novembro de 1975.

Em 1947, um referendo nacional lhe ratificou a chefia vitalícia do Estado. O governo de Franco se caracterizou pela instauração de um verdadeiro regime autoritário e pragmático. Porém, há um ano atrás a ditadura de Franco sofreu um isolamento internacional. Em dezembro de 1946, a ONU recomendou a todos os países que retirassem suas embaixadas da Espanha. Graças à Guerra Fria, ao bloqueio de Berlim pela URSS, a Espanha se tornou uma aliada contra o comunismo e os Estados Unidos mudou seu posicionamento em relação ao regime de Franco. Sendo assim a ONU, em 1950 suspende o isolamento e a Espanha volta a ser admitido aos órgãos internacionais, o que permitiu seu crescimento econômico nos anos 60.

Em 1969, foi promulgada e apresentada à corte, a lei que estabelecia a sucessão efetiva de Franco em favor de Don Juan Carlos, sendo esta aprovada e em 21 de julho deste mesmo ano, Franco nomeia a Dom Juan Carlos de Borbón como seu sucessor, com o título de Rei da Espanha. Este, em 1974, passa a substituir o ditador, quando contrai uma doença chegando a falecer em 20 de novembro 1975.

Análise Comparativa e Contrativa das Obras “Luciérnagas” e “Caminho de Pedras”

Os títulos das obras têm sentido metafórico que reflete o contexto que as obras foram escritas. O título “Caminhos de Pedras” se refere aos caminhos tumultuados que a protagonista Noemi tem que percorrer para conseguir sua liberdade política, social e sexual, em uma sociedade fechada para as vozes femininas e para seus direitos como cidadãs. A palavra “pedras” no sentido metafórico representa os obstáculos que a personagem teve que enfrentar para conseguir o que almejava (os preconceitos, as exclusões, os sofrimentos, as dores e os sonhos destruídos). O título “Luciérnagas” da obra de Matute, tem dupla interpretação. A palavra Luciérnaga em português significa: Vaga-lume, que é um inseto que vive uma noite apenas e nesta única noite constrói toda sua vida. A associação do título com a obra nos remete a idéia de esperança e de destruição, porque há uma passagem na obra na que a protagonista da janela de seu quarto, olha várias vaga-lumes em uma noite escura e sombria... a primeira interpretação é de destruição, pois relacionamos ao fato de que a família de Soledad construiu um rico patrimônio durante os anos anteriores a guerra e com o início da mesma perderam tudo, como os vaga-lumes que constroem tudo em uma noite e logo perdem tudo ao dia seguinte. Mas, há outra interpretação contrativa que nos remete a idéia de esperança, de reconstrução de uma vida... de que a luciérnaga representa, em um tempo de trevas, a esperança perdida, porque elas trouxeram a luz à noite escura e sombria.

As obras “Caminho de Pedras” de Rachel de Queiroz e “Luciérnagas” de Ana María Matute são romances que relatam sociedades em tempos de crises, nestas obras dominam as tonalidades trágicas e sombrias através de uma visão crítica da realidade, outorgam um papel importante às questões sociais, aprofundando nos dilemas da personalidade humana, mergulhando nas circunstâncias da interação cotidiana.

As autoras fazem uma descrição detalhada da sociedade, da política e uma análise isolada de cada personagem, os dramas coletivos são analisados separadamente.

Embora, os contextos da data e do governante se diferenciam em “Caminho de Pedras”, Queiroz narra o contexto da ditadura de Vargas (1930). Em “Luciérnagas” Matute describe a ditadura de Franco (1937). Há uma semelhança muito grande, em relação aos momentos políticos e históricos que refletem nos comportamentos, nos desejos e na luta dos personagens.

O contexto descrito nas obras coincide com períodos de grande agitação política e cultural, no Brasil e na Espanha, onde o conservadorismo se opõe a qualquer modificação de forças existentes no campo político. Mostram as mudanças ideológicas produzidas, e que tem conseqüências na vida social, cultural e econômica. Uma delas é, certamente, a nova posição da mulher nas sociedades em crises.

Nos romances das duas escritoras existe a predominância do neo-realismo e do realismo social nos períodos que seguem as ditaduras, a literatura recorreu ao realismo.

Ambas autoras descrevem de maneira semelhante os contextos sociais da Espanha e Brasil. As obras se desenvolvem sobre um contexto, no qual a condição feminina parte da desigualdade de gênero na sociedade contemporânea. Vemos as obras desfilarem entre o contexto da revolução e da luta feminina contra os preconceitos e as armadilhas das convenções ditadas pela classe dominante. Para Bruno Haroldo (1977:58) as obras se enquadram exatamente no marco de uma perspectiva feminina da literatura que surge para ir contra uma ordem social injusta.

Mostram as sociedades de Fortaleza e de Barcelona na década de trinta; a educação rígida das mulheres para um matrimônio que deveria ser indissolúvel, e que era sua responsabilidade conservá-lo, embora tivessem que reprimir seus sentimentos. Essas mulheres deveriam ser beatas, donas de casa e tementes a Deus, cumpridoras dos preceitos religiosos. Havia um preconceito muito grande sobre as mulheres, nestas sociedades absolutamente fechadas para seus direitos e seus desejos de emancipação.

Os projetos de uma vida brilhante, o trabalho, a política... eram assuntos exclusivamente masculinos e as mulheres não poderiam participar. Em fim, as sociedades patriarcais rejeitavam as experiências que não se enquadravam nos velhos moldes, explica Joana Courteau (1985; 131).

Nesta parte do trabalho serão averiguados os caminhos percorridos pelas protagonistas na sua busca pela auto-realização: as relações familiares e amorosas, as atividades domésticas e as exercidas fora do lar. Mesmo pressionadas, as protagonistas tentam encontrar maneiras alternativas de realização, além daquelas permitidas. Essa negação dos papéis tradicionais vão desde a conscientização e a não aceitação dos limites impostos, até a ruptura total: a transgressão.

Ambas escritoras, em suas obras “Caminho de Pedras” y “Luciérnagas”, priorizam os personagens femininos. Descrevem as protagonistas como mulheres muito fortes, são heroínas, que lutam ferozmente por aquilo que acreditam que é certo, descreve as mulheres com mais força e coragem que os homens. Passam a ter uma imagem de rebeldia, pois se afastam do comportamento impostos pelos moldes.

Ambas protagonistas: Soledad e Noemí são damas da burguesia, tem uma vida de conforto, uma boa educação, comparadas aos demais personagens.

Os romances de Ana María Matute e de Rachel de Queiroz, embora ocultem, são autobiográficas, pois nelas mostram a realidade social, política e cultural da sociedade brasileira e espanhola na qual viveram. Refletem o percurso de suas vidas, a luta pela ascensão social, política e sexual. De forma oculta, e através de outros personagens, descrevem seus sofrimentos e desejos que tiveram nas suas trajetórias de vida. Matute viveu sua infância e adolescência em Barcelona durante a Guerra Civil Espanhola e o

regime Franquista, o mesmo aconteceu com Queiroz que viveu em Fortaleza e participou do partido comunista brasileiro... das agitações políticas de sua época. Ambas sofreram preconceitos sociais por ser mulher, tanto no campo social como no intelectual e isso se refletiu em suas obras. São fiéis a ficção de sua humanidade escura e sofrida por isso são “mais extraordinariamente autênticas”, opina Bruno Haroldo (1977: 65).

Rachel de Queiroz em seu romance descreve a fundação de uma célula do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Fortaleza se converte em uma cidade de luta e defesa das classes oprimidas que tentam se erguer contra a estrutura social capitalista. Rachel relata os dramas, as lutas, as reuniões dos comunistas, as prisões, as torturas e seus comícios. Enquanto, Matute narra no seu romance o cenário da guerra civil franquista, faz uma descrição minuciosa desta realidade, da fome, dos feridos e dos mortos, da cidade destruída, dos presos, da necessidade das pessoas, seus sofrimentos e desejos ante a Guerra Civil Espanhola.

Análise Contrativa

Ana María Matute e Rachel de Queiroz são mulheres conscientes e observadoras. Comoveram-se com a condição feminina, com sua natureza e seus conflitos, revelando em suas ficções múltiplas vivências. Embora, o fizessem através da ação, dos diálogos, da análise psicológica, sim afetar a ultrapassada tese que insiste na dicotomia: opressão masculina *versus* submissão feminina. Seus personagens vivem diferentes situações, em diversas épocas e lugares, apesar do predomínio das cidades de Fortaleza e Barcelona. O que possibilita ao leitor descortinar um longo panorama da situação da mulher.

Soledad, protagonista de “Luciérnagas”, tem uma nova realidade de vida imposta por fatores do destino, não teve escolha, teve que se adaptar ao contexto da Guerra Civil Espanhola. Mudou seu comportamento de burguesa para enfrentar uma vida de altos e baixos, de sofrimentos e de perdas. Porém, com Noemí, a protagonista de “Caminhos de Pedras” o que aconteceu foi ao contrário. Teve a oportunidade de escolher seu próprio destino, buscando sua emancipação política, social e cultural.

Noemí teve a oportunidade de escolher e projetar seu caminho. Mas Soledad, adolescente burguesa que sempre teve uma vida cheia de presentes e bons modos, com a explosão da Guerra Civil Espanhola, pouco a pouco foi perdendo tudo. Sol era uma garota que foi educada em uma realidade suprema, não teve escolha ao se adaptar a uma sociedade em crise para sobreviver.

Noemí e Soledad trabalhavam para ajudar a sustentar a sua família. Noemí trabalhava em um estúdio fotográfico para ajudar nos gastos de sua casa e também porque lhe trazia uma relativa independência que lhe proporcionava o dinheiro. Sol, quando adolescente, também trabalhava em uma escola para ajudar no sustento de sua casa, pois era “o braço forte da mesma”.

Nos romances também são tratados os temas amorosos. Não com muita eficácia, mas sim, como uma crítica aos valores que são submetidos às mulheres. Em “Caminhos de Pedras”, Noemí vê no matrimônio uma fonte de ascensão de vida, mesmo que, o matrimônio não a realize: abandonou ao marido pelo amante, mas pagou muito caro por sua ousadia, porque foi um novo fracasso, saí novamente frustrada. Sol não vê em

Cristian uma maneira de ascender socialmente, mas sim de reconstruir suas vidas depois da Guerra Civil Espanhola.

Conclusão

Rachel de Queiroz e Ana María Matute duas escritoras, e intelectuais de sua época, souberam descrever detalhadamente a situação e a realidade da mulher nas sociedades espanhola e brasileira da década de trinta, suas obras são o reflexo de suas vidas, de sua ascensão social, política e sexual, além de seus desejos de liberdade e direitos em uma sociedade essencialmente machista e ditatorial, onde as vozes femininas não eram escutadas.

Nos romances de Rachel e Matute percebemos a mesma tendência ao tratar personagens parecidos, entre os que destacam especialmente protagonistas independentes, fortes, trabalhadoras, que lutam por aquilo que acreditam que é certo e que buscam crescer como pessoa e profissional. Em geral, podemos dizer que as heroínas destas autoras são mulheres que tem que enfrentar a uma série de adversidades, que estão vinculadas a um ambiente social concreto que gera um sem fim de conflitos, os que, a sua vez, são a causa dos problemas das protagonistas. A necessidade de se opor aos esquemas inaceitáveis as conduz a uma postura negativa que, ao final, se converte em rebeldia, porque se afastam dos moldes propostos pela sociedade; ou seja, o modelo de esposa e de mãe perfeita, de cumpridora dos costumes religiosos, essas protagonistas mostram a vida das autoras, na busca de ascensão social, sexual, política e cultural, começam a participar de tarefas até então “específicas” dos homens: os trabalhos fora do lar, a participação em reuniões políticas sendo escutadas, assim começaram a caminhar com seus próprios pés e a traçar seus próprios destinos, não tendo mais medo de seguir e fazer o que desejavam pelos preconceitos que as cercavam.

Há alguns elementos compartilhados entre essas autoras que podemos detectar em suas obras. Tem uma urgente necessidade de mostrar a situação na sociedade contemporânea, avaliando, de tal modo, as novas transformações sociais que preocupam a todos os intelectuais da época. Podemos perceber este fato na aparição dos mesmos temas que de alguma maneira preocupam a todas as romancistas. Entre todos estes temas ocupa uma posição especial o papel da mulher na sociedade contemporânea, e seu afã de fazer valer a pesar das adversidades do ambiente social. Ao apresentar esses conflitos relacionados ao preconceito sobre o papel da mulher nessas sociedades em crises, as duas escritoras nos mostram diversas perspectivas para a mulher na busca da integração pessoal e social.

Essas situações relacionadas com o preconceito que há sobre as mulheres, a falta de bibliografias e de biografia sobre escritoras, mostram claramente as necessidades de estimular enfoques de investigações relacionadas à temática Mulher e Literatura, sobre todo a questão da autoria feminina e sua expressão nas letras nacionais e a conseqüente inclusão das escritoras no Cânon Literário, ou seja, nas práticas das críticas contemporâneas, seja no âmbito acadêmico ou universitário, seja nos rituais de leituras em geral.

Referências

- ANA MARIA MATUTE: entrevista. Disponible: <<http://www.elmundo.es/larevista/num113/textos/entrevista.html>> . Acceso: 30 abr. 2005.
- BASANTA, Angel. **Literatura de la posguerra: LA narrativa**. Editorial Cincel, Madrid, 1981.
- BIOGRAFÍA Getúlio Vargas: Estado Nuevo fue el momento más revolucionário de la história de Brasil Disponible:<http://www.diariomardeajo.com.ar/biografiagetulio_vargas.html> . Acceso:12 mayo. 2005
- BUSQUES de la Guerra Civil Española. Disponible: <<http://web.forodigital.es/uphm/mgl/buques/buques.htm>> . Acceso: 10 mayo.2005.
- CORPUS liter: Matute, Ana María. Disponible : <<http://www.xtec.es/~jducros/Ana%20María%20Mamute.html>> . Acceso: 30 abr. 2005.
- DUARTE, Eduardo de Assis, Rachel de Queiróz: **mulher, ficção e história**. In: AUAD, Silvia (org). **Mulheres: cinco séculos de desenvolvimento na América** (capítulo Brasil). Belo Horizonte: FIFCH, 1999, P. 384-390.
- GETÚLIO VARGAS y el estado novo. Disponible: <<http://www.appetmagic.com/vargassp.htm>> . Acceso: 12 mayo. 2005.
- HAROLDO, Bruno: **Rachel de Queiroz, Clássicos Brasileiros de hoje**. Ed. Cátedra, R. J. 1997.
- JINÍEREZ PEDRARA, Felipe B, Milagros Rodríguez Cáceres: **manual de Literatura Española. XII. Pos-guerra naradores**, Céneit, Educaciones, S. L, Pamplona 2000.
- LEITE BARBOSA, Maria de Lourdes Dias. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos**. Ed. Pontes, SP, 1999.
- MATUTE, Ana María. **Luciérnagas**. SGEL, Barcelona, 1993.
- MENENDEZ PEÁEL, Jesús: **História de la Literatura Española**. Vol. III, Everest, 1983.
- OCASAR, José Luis. **Literatura Española Contemporánea**. Ed. Lúmen, Madrid, 1997.
- PEDRAZA JIMÉNEZ, Filete B. **La literatura Española en los texto: siglos XX**. Nerman, 1991. (em Português) (860.8.p371I).
- QUEIROZ, Rachel de. **Caminho de Pedra**. 12 Ed. José Oplympio. Rj, 2004.
- RAMONEDA, Arturo. **Antología de l Literatura Española del Siglo XX**, SGEL, 1996.
- RUIZ GUERREIRO, Cristina. **Panorama de escritoras españolas**. Universidad de Cádiz. Servicio de Publicaciones, 1997.
- TOLEDO, Carmen. **Féminas, femeninas, feministas que escriben**. Leer, junio 2000.
- VIDAL BRAZIL, Érico & SCHUMAHER, Schuma: **Dicionário Mulheres Brasil de 1500 até a atualidade**, edição 2º, Ed. Jorge Zahar editor, RJ,2001.
- VV.AA. **Lengua castellana y literatura, Bachillerato 2º**. Ed Akal, Madrid, 2001.